







Fragmentos da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina

FRANCISCO DAS NEVES ALVES









Fragmentos da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina



- 95 -



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista - Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL - Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Fragmentos da imprensa ilustrado-humorística rio-grandina





Lisboa / Rio Grande 2025

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord) Carla Oliveira Cécile Méadel Fabrice d'Almeida João Luís Cardoso José Ignacio Ruiz Rodríguez Valérie Dévillard Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.) Darlinda Moreira Jeffrey Scoot Childs Rosa Sequeira Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.) José Bernardino Milene Alves Paula Carreira Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Fragmentos da imprensa ilustrado-humorística riograndina
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 95
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Janeiro de 2025

ISBN - 978-65-5306-035-7

CAPA: Primeira página e capas dos periódicos *Aurora do Sul, O Asmodeo, O Rio Grande Ilustrado, O Diabo* e *A Encrenca*.

O autor:

das Neves Alves Francisco é Professor Titular Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto à PUCRS (2018),à Cátedra Infante Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

Além de uma disposição de espírito, o humor tem se constituído também, ao longo da história, em uma forma de manifestação humana. expressão de ideias, da emissão de opiniões, mobilização pública, da tentativa de esclarecimento das coletividades, bem como, e de forma mais evidente, de promover o entretenimento nas sociedades. Associado à imprensa, o humor, por meio de diversas modalidades jornalísticas, acabaria por encontrar um elemento multiplicador e divulgador em larga escala, atingindo um público alvo significativamente numeroso. Assim, através do jornalismo, o humor, por intermédio das mais variadas linguagens escritas, gráficas e visuais, viria a transmitir uma determinada óptica, calcada normalmente na ironia e na crítica, sobre uma dada realidade, em uma determinada comunidade, expondo, em geral, as chagas e os desvios sociais, bem como os desmandos político-administrativos. Nesse sentido, a imprensa de caráter humoral constitui uma importante fonte histórica a respeito das formas de comunicação e informação entre os indivíduos de uma coletividade, permitindo que, em suas páginas, sejam desvelados detalhes dos mais variados elementos constitutivos que caracterizaram uma dada sociedade, em um específico período histórico1.

-

¹ A respeito das inter-relações entre humor e sociedade, observar: BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre o significado do*

Durante o século XIX e nas primeiras décadas da centúria seguinte, o humor, associado ao espírito crítico, esteve presente em várias das publicações que marcaram a imprensa da cidade do Rio Grande, uma das mais importantes comunidades gaúchas de então. A imprensa rio-grandina - que a partir do encerramento da Revolução Farroupilha entrara em uma fase de amplo crescimento, o qual viria a culminar na sua etapa de maior apogeu, teve o cunho humorístico muito bem a contento representado na edição de folhas ilustradohumorísticas voltadas à difusão da arte caricatural. Os semanários caricatos tiveram uma fase áurea junto ao jornalismo rio-grandino entre as décadas de setenta e noventa dos Oitocentos e primeiros decênios dos Novecentos. Nessa linha de prática do humor, os caricatos viriam a representar uma evolução em relação aos pasquins, apresentando um olhar crítico, no geral, mais refinado e com uma linguagem menos vulgar em sociedade rio-grandina. relação Ainda à essencialmente crítico-humorísticas, tais publicações consideravam a si mesmas como portadoras de uma função social bem definida, de modo que muitos delas apresentaram-se como moralizadoras e fiscalizadoras da apontar sociedade. servindo a graça para

- 2

cômico. 2.ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.; BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.; MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.; e SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do humor: balanço provisório e perspectivas de pesquisas. In: *Revista História* (São Paulo), n. 176, 2017, p. 1-39.

descaminhos (e a possível correção de rumos) dos membros dessa comunidade.

Ainda que herdando certos detalhes da ironia, do humor e da crítica praticados pela pasquinagem, os semanários caricatos distinguiram-se da mesma, tendo em vista uma organização editorial bem melhor elaborada, uma qualidade tipográfica excelente para os recursos tecnológicos do momento e uma certa regularidade na distribuição, apesar dos grandes obstáculos então enfrentados para a efetivação desse intento. Nesse sentido, diferentemente dos pasquins, caracterizados, normalmente, por serem publicações eventuais, vários dos periódicos caricatos rio-grandinos, apesar das enormes dificuldades para garantir a sua sobrevivência, tendo em vista as circunstâncias que cercavam a pequena imprensa, normalmente afetada pelas poucas condições de manter uma estrutura comercial, conseguiram circular por razoável período. Por outro lado, também houve folhas satíricohumorísticas caricaturais que não obtiveram tanto sucesso em seus projetos editoriais.

Apesar dessas dificuldades – pois em sua maioria não conseguiam manter nem mesmo uma seção de anúncios que lhes permitisse um rendimento extra –, os hebdomadários humorísticos conseguiram sobreviver através de uma certa popularidade que tal prática jornalística atingiu junto à população, subsistindo, assim, graças às iniciativas individuais de seus proprietários e aos números vendidos avulsos ou na forma de assinaturas. Essa popularidade da imprensa caricata deveu-se essencialmente à associação entre o jornalismo e a imagem, produzindo frutos de apelo visual indelével,

atingindo, inclusive, os segmentos menos letrados². A fase áurea do jornalismo caricato rio-grandino deu-se entre os anos 1870 e 1890, vindo posteriormente a estender-se pelos primórdios do século XX. Retratando a sociedade de então sob um prisma caricatural, esses jornais se transformaram em importantes meios de comunicação, refletindo diferentes modos de pensar e agir vigentes durante seus períodos de circulação, consistindo, ao serem analisados em seus componentes de contextualização, e iconográficos/inoconológicos, importantes referenciais para a reconstrução histórica acerca da comunidade rio-grandina.

Mesmo que pautando seu norte editorial no bomhumor e/ou através da ironia, as folhas caricatas mantinham a tradição de serem as fiscalizadoras da

² Sobre a imprensa caricata, em termos nacionais, provinciais/ estaduais e municipais, ver: LIMA, Herman. História da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; TÁVORA, Araken. D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura. Rio de Janeiro: Ed. Documentário, 1976.; LOBATO, Monteiro. A caricatura no Brasil. In: Idéias de Jéca Tatú. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 3-21.; SOUZA, Jonas Soares de. A vitrine do imaginário: periódicos ilustrados no século XIX. Documentos, Campinas, BCMV, v.3. n.6. p. 33-43, jul./dez. 1991.; LEMOS, Renato. Uma História do Brasil através da caricatura (1840-2006). Rio de Janeiro: Bom Texto Editora e Produtora de Arte, 2001.; MAGNO, Luciano. História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012.; FERREIRA, Athos Damasceno. Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1962.; e ALVES, Francisco das Neves. A pequena imprensa rio-grandina no século XIX. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

sociedade, observando a moral, os bons costumes e os desregramentos político-administrativos, em nome da dos interesses populares. Ainda que diferenciando da maioria dos demais gêneros jornalísticos, por praticar o humor mais explicitamente, os periódicos caricatos também se consideravam como representantes da imprensa, autênticos buscando demonstrar que as opiniões expressas em suas páginas, mesmo que predominantemente críticas, deveriam ter também valor junto ao público leitor. De acordo com essa perspectiva os hebdomadários caricatos intentavam demonstrar que, mesmo sendo de natureza críticohumorística, procuravam nortear suas manifestações escritas e imagens a partir de uma certa correção e integridade na sua conduta editorial.

Assim, os semanários caricatos representaram uma evolução na prática do jornalismo crítico-opinativo em relação aos pasquins. Melhor organizados, com uma linha editorial mais bem definida, uma maior qualidade tipográfica e uma publicação mais regular, os caricatos atingiram maior popularidade, dando continuidade, de uma forma menos virulenta, à utilização pela imprensa do humor como estratégia discursiva. Neste livro são apenas alguns poucos fragmentos, ressaltados representados por pequeno número de exemplares remanescentes de alguns títulos, que demonstram a capacidade desse gênero jornalístico de também prestarse à veicular informações/opiniões, influenciando, à sua maneira, o público leitor. Nessa linha, ao utilizaram-se do humor como norte editorial e prática discursiva, esses periódicos buscavam também reivindicar seu significado como mais uma forma de expressão e comunicação entre os indivíduos que compunham a comunidade na qual

circularam e poderiam tornar-se um mercado consumidor de leitura³.

³ Contextualização realizada a partir de: ALVES, Francisco das Neves. Humor e comunicação: a imprensa rio-grandina dos pasquins aos caricatos. In: NUNES, Claudio Omar Iahnke (org.). *Abordagem pluridisciplinar da Ciência da Informação*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 43-57.

SUMÁRIO

Aurora do Sul/17

O Asmodeo / 27

O Rio Grande Ilustrado / 35

O Diabo / 55

A Encrenca / 81



Aurora do Sul

A Aurora do Sul constituiu um periódico que demarcava uma transição entre a pasquinagem e o jornalismo ilustrado-humorístico, tendo circulado no Rio Grande, no ano de 1864. Tinha por "proprietários – Ribeiro & C.", anunciando que seria publicado duas vezes por mês ao custo de 12\$000 (ano), 6\$000 (semestre) e 3\$000 (trimestre), sendo impresso em tipografia própria. Aceitava "desenhos e escritos" que seriam "inseridos sob a responsabilidade de seus autores" e, aqueles que possuíssem "relação com o programa" do jornal, eram publicados gratuitamente⁴. Uma das novidades desse jornal foi utilizar suas páginas centrais para a apresentação de desenhos, demarcando as práticas da imprensa caricata.

Através da *Aurora do Sul*, depreende-se as dificuldades com que os redatores conviviam para manter os pequenos jornais. Para isso, basta observar a efusiva alegria e gratidão ao público, manifestadas por ter a publicação completado um trimestre, no artigo

⁴ As informações sobre esse jornal são extremamente escassas, encontrando-se apenas um exemplar, sem a identificação da data. A referência à sua publicação em março ou abril de 1864, é de Abeillard Barreto. BARRETO, Abeillard. A imprensa do Rio Grande no tempo do Império. *Rio Grande*, 27 jun. 1935. p. 5. No seu conteúdo, o jornal afirmava possuir oito páginas, porém, o exemplar encontrado, apresenta apenas quatro. O mais provável é que a *Aurora do Sul* não tenha ido muito além do trimestre que destacava estar completando naquela edição.

"Um Brinde aos Assinantes da Aurora do Sul", marcado pelas tiradas chistosas:

É possuído do mais elevado sentimento de gratidão que alço o copo para dirigir aos assinantes do primeiro trimestre da *Aurora do Sul* um brinde, principalmente àqueles que continuaram a dispensar a esta empresa a sua valiosa proteção.

Com o presente número finaliza o primeiro trimestre deste inocente jornalzinho e por tão aprazível motivo ofereci aos meus empregados um "banquete", para o qual vos convido, a fim de fazerdes jus a "um copo de champanha".

Os meus empregados instigados pelo meu guarda-costas, o sonâmbulo, pedem-me que vos dirija, caríssimos assinantes, um brinde entusiasmado; e eu não podendo resistir a tão justo quão louvável pedido dou os seguintes vivas:

Viva a civilização!

Viva o progresso!

Sonâmbulo com entusiasmo – Vivam os assinantes da ilustríssima *Aurora do Sul* que continuam a prodigalizar-lhe a sua proteção!! hip, hip, hip, hurra! hurra!! hurra!! hurra!!

AURORA DO SUL.

PROPRIETARIOS -- RIBEROS & C.

XXO 1.

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR MEZ.

N. 6.

ASSIGNATURAS.

12:000 0:000 3:000 ĀVIZ.),

Trimestre PAGAMENTO ADIANTADO.

Acceitio-se desenhos e escriptos, que servo inseridos sob a responsabilidade de seus authores; os que estiverem em relação com o programma, publicar-se-hão gratuitamente.

ATTRORA DO SUF

Finalisando com este numero o primeiro trimeire da AURORA DO SUL, participamos ao publico, que tão generosamente nos tem prodigalisado asua protecção, que o Sr. José Luizgle Campis deixon de fazer parte como socio, desta empreza; e contando nos com a continuação da valicia protecção da respeitavel, garantimos mais regolaridade em nosso jornal.

UN BRINDE AOS ASSIGNANTES DA AURORA

DO SUL.

Leitores.

E possuido do mais elevado sontimento, de grafidão que alço o copo para, dirigir aos assignantes de primeiro trimestre da AURORA DO SUL umbrinde, principalmente a á quelles que contimarem a dispensar á esta empreza a sua valiosa protecção.

Compresente numero finalisa o primeiro trimistre d'aste innocente jornalisinho, e por tão aprasivel motivo offereci aos meus empregados um «hanqueto» para o qual vos convido afim de fazerdes jus a «um copo de champagne.»

Os meus empregados instigados pelo meu guarda costa, o somanibulo, pedem-me que vos dirija, carisstmos assignantes, um brinde enthusiasmado; è eu não podendo resistir a tão justo quão louvarel pedido dou os seguintes vivas :

Viva a civilisação !

Viva o progresso!

Somnambulo (com enthuslasmo) — Vivão os assignantes da illustradissima AURORA DO SUL que continuão a prodigalizar—lhe a sua protecção !!

hip, hip, hip, hurra!! hip, hip, hip hurra!! hurra! hurra!! Dr. Cagliostro.

CAIXA MYSTERIOŚA.

Carissimos leitores

Em um dos numeros anteriores prometti mostrar-vos certo «figurão» que se occultava em uma caixa, atim de não serem conhecidos os seus altos e gloriosos feitos. A' força de seringadas já então se havia conseguido que o tal metro levantasse um piuco a tampa da caixa, por se ver abarbado com o cheiro di --extracto-- com que lhe mimoseava e meu somnambulo; e este que não é para graças principatmente com velhacos, tem sido incansavel na applicação da sua inexpotavel seringa.

Como vedes na estampa o tal velhaquete, achando-se em completa innundação, quiz sahir da caixa; mas (oh! fatalidade un maddito cordão de ouro embaraçou-lhe una perña e uma mão privando-lhe a sahida e a mim o prazer de apresental-o ao respeitavel.

O cordão que, tão fora de tempo, veio translornar a apresentação d'este insigne larapio, é de ouro e dizem os entendidos que é ouro lá do Norte da Siberia.

Von ordemnar ao somnambulo moderar as suas seringadas avér se consigo apresental-o em estado decente aos meus leitores para conhecel-o e evitar o seu contacto que póde ser muito prejudicial.

En abaixo assignado, seringador mór, guarda costas do muito alto e poderoso Dr. Cagliostro, gran cruz da ordem das cassadas, cavalleiro da do pião, condecorado com as medalhas das campanhas de salta-patites e fora larapios, etc. etc.

Uma das gravuras impressas no periódico constituía uma crítica à inação dos militares, referindo-se à "sentinela do depósito", que, ao invés de cumprir suas funções, falava com um transeunte, ao passo que dois outros integrantes das forças armadas conversavam despreocupadamente à porta do estabelecimento militar. A outra representação caricatural fazia alusão a uma "caixa misteriosa", que era aberta para espanto e curiosidade dos presentes. Tal ilustração estava interrelacionada com coluna homônima publicada na folha, segunda a qual a figura que designava a redação do periódico se responsabilizava por tal abertura, ameaçando revelar a identidade de certa personalidade citadina:

Em um dos números anteriores prometi mostrar-vos certo "figurão" que se ocultava em uma caixa, a fim de não serem conhecidos os seus altos e gloriosos feitos. À força de seringadas já então se havia conseguido que o tal melro levantasse um pouco a tampa da caixa, por ser abarbado com o cheiro do – extrato – com que lhe mimoseava o meu sonâmbulo; e este que não é para graças principalmente com velhacos, tem sido incansável na aplicação da sua inesgotável seringa.

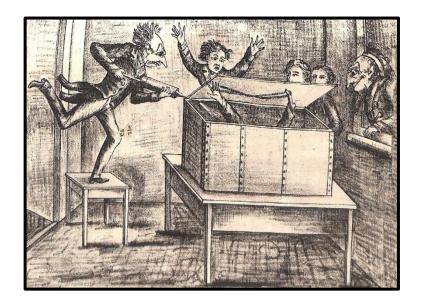
Como vedes na estampa o tal velhaquete, achando-se em completa inundação, quis sair da caixa; mas (oh! fatalidade!) um maldito cordão de ouro embaraçou-lhe uma perna e uma mão privando-lhe a saída e a mim o prazer de apresentá-lo ao respeitável.

O cordão que, tão fora de tempo, veio transtornar a apresentação deste insigne larápio,

é de ouro e dizem os entendidos que é ouro lá do Norte da Sibéria.

Vou ordenar ao sonâmbulo moderar as suas seringadas a ver se consigo apresentá-lo em estado decente aos meus leitores pra conhecê-lo e evitar o seu contato que pode ser muito prejudicial.





Levando em conta a crítica de costumes, o periódico publicou versos intitulados "O janota", referindo-se a um indivíduo cuja vestimenta trazia demasiado apuro e enfeites, lançando um olhar depreciativo sobre o mesmo, tendo em vista seus exageros e seu comportamento pomposo e vaidoso:

Sou bonito, dou da moda, Chibantão do belo gosto; Sou gamenho, tenho garbo, Porte airoso e bem composto.

Vivo alegre, passo a larga, Tenho trinta namoradas, - Dez viúvas, seis donzelas, Sete velhas, não casadas.

Aias, amas e criadas Das matronas que apontei, Baronesas e condessas, E mais outras, que eu só sei.

Dos janotas sou modelo, Figurino abaloado, Calça fina, mangas fofas, Cabelinho bem frisado.

A luneta ao olho presa, Sapatinho envernizado, Casaquinho a D. Murzelo E o casquete afunilado.

Faço andar em roda viva Mil cabeças de alto bordo; Mas se um vil credor esbarro, Foge o sonho, então acordo!

E de Rodes, qual colosso, Fico mudo altivo e quedo; Ouço a lenda impertinente, Sem tugir – como um penedo.

Após um, vem grosso bando, Este grasna, aquele ruge, Rosna o lorpa taberneiro, Todo o resto orneja e muge.

Perfilando o colarinho, Que da orelha passa além, Corro a mão nas algibeiras, Mas não puxo nem vintém!

Berra o criado,

Grita o barbeiro - Quero dinheiro! Que frioleira!

Eu que, sem "gimbo", Ando pulando, Vou-me safando – Que pagodeira!

Eis que de um canto Salta raivosa, A gordurosa Da cozinheira; Pede os salários; Fala em tomate, - Eu em remate, Dou-lhe a traseira!

Chora de raiva,

- Pobre coitada;
Fica zangada,
Que "vinagreira"!
Eu sou da moda,
Chupo o meu trago,
Como e não – pago,

- Por brincadeira.

E se há quem diga Que sou tratante, Sagaz birbante, É maroteira; Porque só finto Parvos mascates, Maus alfaiates, – Por bandalheira.

Também por mofa, Logro os lojistas, Foros cambistas, De mão ligeira; Abelhas mestras, Ratões livreiros, Os sapateiros, E a engomadeira.

Que santa vida Meu anjo Bento, Oh que portenho, Que pepineira! Sempre folgando, Sem ter cuidado, Ser namorado, - Que pagodeira!

Quem deve e paga Não tem miolo, É parvo, é tolo, Não tem bom tino, Viva a chibanca, Vá de tristeza, Morra a pobreza, Que isto é divino!

Assim, a *Aurora do Sul* estabeleceu uma pauta editorial que constituía um misto entre a prática da pasquinagem e a da imprensa ilustrado-humorística. O único exemplar incompleto que remanesceu, contendo apenas a metade de suas oito páginas, permite observar o predomínio do tom jocoso e crítico, buscando denunciar os desvios e os desmandos em meio à sociedade rio-grandina, deixando algum mistério no ar

quanto aos possíveis implicados, visando a garantir a continuidade do interesse dos leitores. Textos e desenhos cáusticos revelavam a primazia do escopo satírico que norteava a folha.

O Asmodeo

satírico-humorístico e ilustrado circulou no Rio Grande, no segundo semestre de 1881, foi O Asmodeo, jornal de oito páginas impressas em própria, cuja assinatura custava, tipografia Província", 5\$000 ao trimestre e, "fora", 6\$000 trimestrais. Não identificava os responsáveis pela sua publicação. A própria origem do seu nome (a palavra asmodeu, que significa "príncipe dos demônios" ou "satanás"), revelava as intenções do jornal. Sua edição remanescente data de 7 de agosto de 1881, contando com a identificação de 1º ano, número 10.

Dedicava seções a amenidades, como "Crônica rio-grandense", na qual destacava o frio e a falta de assunto na cidade, e "Poesias", para a publicação de versos. Ao apresentar sua crônica, o periódico indicava que "o *Asmodeo* protesta em nome dos sagrados princípios de justiça e dos interesses gerais desta cidade". A folha caricata também comentava sobre um convênio acertado pelos charqueadores da vizinha cidade de Pelotas, que visavam a obter vantagens locais, em detrimento dos interesses rio-grandinos.

Era na crítica que se destacava a abordagem da folha, como no ataque ao abandono da Barra do Rio Grande e as prejudiciais consequências trazidas ao comércio municipal. Sobre esse assunto, apresentava uma "fala" da Barra, onde ela própria simbolicamente ganhava vida e "reclamava" da sua situação:

Para que me mandaram abrir os senhores? Para que mandaram cavar o meu fundo?

Para que as maiores esquadras do mundo passassem por sobre mim.

No entanto, aqui estou às moscas.

Apenas de longe em longe sinto sobre as minhas águas um ou outro navio em 11, 12 e 13 palmos de água.

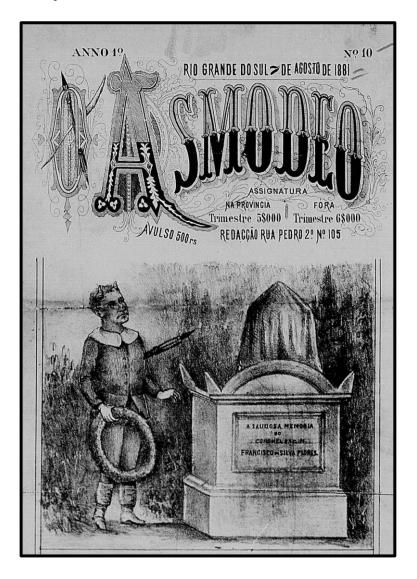
Ora se isso continua assim, eu "obstruo" com certeza. Volto ao antigo estado.

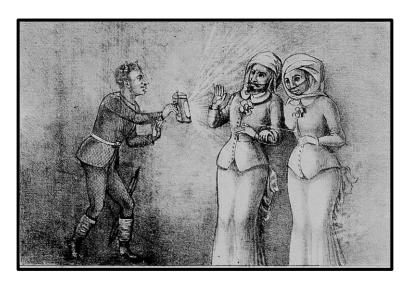
Deixarei apenas passagem franca aos meus antigos conhecidos, os vapores e iates de carreira.

Depois não se queixem.

Na parte ilustrada, a folha trazia uma figura diabólica, com o crayon sob o braço, representando a redação, levando uma coroa de louros para uma homenagem póstuma. Em outra ilustração fazia crítica de costumes, mostrando o personagem demoníaco de lanterna à mão, tal qual um Diógenes, que surpreendia personagens mascarados. gravura dois Α acompanhada pela legenda "O Asmodeo, mais vigilante que a nossa polícia, surpreendeu alta noite este par de galhetas em caminho para o...". Além disso, destacava que "O tipo, apesar de seu disfarce, foi conhecido e em breve falaremos a respeito de ambos os pombinhos", realizando uma pretensa vigilância moral sobre a sociedade. Outra caricatura mostrava uma alegoria feminina da vizinha cidade de Pelotas, que acabara de dar à luz a uma criança, que simbolizava um convênio o qual serviria apenas para atender aos interesses dos comerciantes locais. Tal desenho era acompanhado pela constatação de que "A princesinha deu à luz o desfrutável convênio dos barraqueiros. Bom será que o

nenê que nasceu tão robusto não venha a morrer de inanição".







Ainda quanto à crítica social e de costumes, o *Asmodeo* fazia diversas apreciações nada lisonjeiras sobre a mulher, tais como:

As mulheres bonitas são caladas e vaidosas, as feias, intrometidas e audaciosas.

As mulheres só trabalham para a desgraça dos homens.

As mulheres encontram prazer em falar da vida alheia.

As mulheres defeituosas são, em geral, as mais críticas e ambiciosas.

As mulheres sempre estão dispostas para fazer o mal.

Não há homem bom no coração das mulheres.

Mulheres há, que só vivem para mentir, iludir e atraiçoar.

A mulher quando não mente, sente-se doente. É mais fácil encontrar-se uma mulher mentirosa do que um homem fingido.

O maior castigo que Deus pode infligir ao homem foi dar-lhe a mulher por companheira.

As mulheres são como os cães, só fazem festa aos que lhes matam a fome.

As mulheres quando fingem-se amar, entregam-se em corpo e alma, aos temporais da sorte.

Também no que se refere aos costumes, a folha publicou humorística "Código para um galanteadores", indicando preceitos "para reger "os perfeitos intercalados", de modo a galanteadores". Nessa linha, apontava que "beijar a mão" era "sinal de terno respeito; beijar a luva, tolice; apertar a mão, afeto; apertar a ponta dos dedos, impertinência; pisar o pé, inconveniência"; e, "encostar o joelho, grosseria". As indicações continuavam, determinando que "apertar a cintura" equivaleria à

"necessidade de expansão, movimento nervoso ou ponto de apoio". Ficava ainda determinado que "falar baixo ao ouvido de uma mulher é do pior gosto", ao passo que, "parecer comovido, falando-lhe, é do melhor". Outro conselho estava ligado ao ato de "cair aos pés de uma mulher", qualificado como uma "loucura"; enquanto "sufocar um suspiro, rococó"; e "por os olhos em alvo, ridículo". Era expresso também que, "em amor, chorar é inútil" e "rir é prejudicial". A derradeira sugestão apontava que "ser ao mesmo tempo paciente e arrebatado, eloquente e mudo, sério, é o estímulo".

agressões de cunho pessoal também encontraram espaço nas páginas da publicação. Nesse sentido, foi com linguagem virulenta que atacou com veemência o jornalista alemão, radicado no Rio Grande do Sul desde 1851, Carlos von Koseritz, que, durante esse período militou em diversos jornais gaúchos. O germânico era apresentado em caricatura na qual vociferava contra os interesses rio-grandinos, de modo que "vomita sobre o Rio Grande cobras e lagartos", quadro perante o qual os demais representantes da imprensa pelotense resolviam desistir do debate e "meteram a viola no saco". As críticas de O Asmodeo, permaneciam no artigo "O nosso cão de fila", segundo o qual Koseritz utilizava-se da imprensa para "ofender" a cidade do Rio Grande e diante disso arremetia-se contra o jornalista, sugerindo que o mesmo era venal, uma das acusações mais ultrajantes para o jornalismo da época:

O Sr. Carlos Koseritz desculpe se o ofendemos, mas a sua insistência em deprimir a cidade e a população do Rio Grande, dá-lhe certa

semelhança a cão de fila que se agarra às pernas do viandante.

O que quer de nós o Sr. Koseritz?

Dinheiro? Já não lhe dissemos que abrisse preço à sua mercadoria... quero dizer à sua pena?

Não lhe dissemos já que visse quanto queria para atraiçoar os pelotenses e tomar o nosso partido!

Que mais quer pois?

Nós do Rio Grande não podemos adivinhar quanto quererá o Sr. redator da *Gazeta*. E necessário que ele o diga.

Fale, pois, com franqueza. Quanto quer?

Quanto nos há de custar cada artigo, em sentido inverso aos que está publicando?

São para mandar publicar no *Jornal do Comércio* da Corte.

Já vê que não serão só os de Pelotas que darão essa importância aos seus artigos.

Fale, pois, e não receie que regateemos.

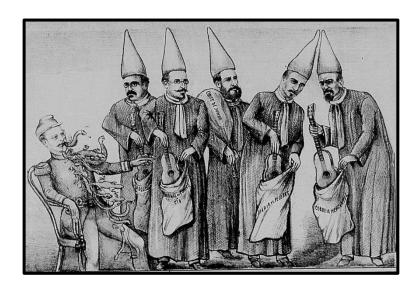
Não somos ricos como o Sr. visconde da Graça, mas tão generosos como ele, isso que somos nós.

A generosidade, como bem sabe o *nosso cão de fila*, não é privilégio dos milionários.

E se não sabe, experimente.

Vamos Sr. Carlos von, veja quanto quer para mudar de cor ou de opinião.

Pode dirigir sua resposta à redação do *Correio Mercantil*, que mediante certo ajuste presta-se a servir de intermediário.



Desse modo, *O Asmodeo* constituiu um exemplo típico do periódico ilustrado, satírico e humorístico que buscava conquistar o público através de uma conversa coloquial e visava também a chamar a atenção para discussões ferrenhas contra pessoas ou circunstâncias. A falta de identificação de um responsável, situação à época ilegal, leva a crer que teve curta duração⁵. Sua configuração gráfica e editorial era a clássica dos representantes do gênero jornalístico caricato, dividindo suas páginas meio a meio entre o segmento textual e ilustrado e mantendo uma pauta predominantemente crítico-opinativa.

⁵ Não há nenhuma referência à existência de *O Asmodeo*, além do número encontrado de 7 de agosto de 1881.

O Rio Grande Ilustrado

No ano de 1897 circulou na urbe portuária mais um representante da imprensa humorística e ilustrada, sob o título O Rio Grande Ilustrado. De tal periódico remanesceram os exemplares de 4 de julho, 25 de julho e 29 de agosto de 1897. Tinha as tradicionais quatro páginas, metade delas com desenhos e a outra com registros textuais. Sua assinatura custava 20\$000 (ano), 10\$000 (semestre) e 500 réis o número avulso. A direção da folha ficava ao encargo de Severo Macedo, pseudônimo de João José Cezar e as ilustrações cabiam à Thadio Amorim. Ambos tinham uma carreira jornalística longeva e chegaram a militar em causas políticopartidárias diferenciadas, para depois, da Revolução Federalista em diante, unirem-se na oposição, no combate e na resistência à ditadura castilhista. Com máquina de impressão própria, afirmava ser editado nas Oficinas Tipo-Litográficas do Rio Grande Ilustrado.

Em termos editoriais, *O Rio Grande Ilustrado* mantinha a tradição dos textos crítico-opinativos e jocosos e das manifestações caricaturais cáusticas contra os adversários e moralizadoras em relação aquilo que considerava como vícios e mazelas sociais. A publicação

⁶ A respeito de J. J. Cezar e Thadio Amorim, ver: ALVES, Francisco das Neves. *O Bisturi e a oposição ao Eco do Sul: embates na imprensa rio-grandina* (1890-1893). Lisboa; Rio Grande: Cátedra de Estudos Globais; Biblioteca Rio-Grandense, 2024. p. 19-30.

utilizou-se da estratégia de antecipar a distribuição de exemplares na busca de conquistar novos favorecedores. Nesse sentido, comunicava que, "de acordo que se devolva o número de uma folha que se não quiser assinar", pois "ninguém tem a pretensão de impor assinaturas, mas daí a inutilizar o mesmo número, a coisa muda de figura, porque só assim procedem as pessoas pouco corteses". As dificuldades técnicas também cercavam a edição do periódico, como ao pedir "todas as desculpas aos subscritores pelas muitas faltas do número anterior quanto ao texto", de modo que, "por se haver empastelado parte da primeira página, os erros avultaram de modo horroroso", constatando que "são coisas estas que muito nos desgostam e que esperamos não ver em reprodução". Além disso, demarcava que a pedra litográfica da mesma edição se partira "de lado a lado, devido a um parafuso frouxo" (4 jul. 1897).

A perspectiva oposicionista dos articuladores da redação textual e das representações imagéticas ficava expressa na óptica pela qual observavam a política, considerando que a mesma "deveria ser ciência de bem governar ou arte de bem proceder", mas "que não passa de conjunto de elementos quase sempre híbridos, desconexos, inassimiláveis, heterogêneos" e "nulos perante as exigências do progresso social". Nessa linha criticava os situacionistas, demarcando que os mesmos chegavam a ser apontados "como os verdadeiros salvadores da pátria" beneméritos "os humanidade", mas se transformavam "rapidamente em entidades nulas, sem prestígio algum, incapazes de alimentar duas ideias criadoras, inimigos até do gênero humano" (4 jul. 1897).

Nas páginas de *O Rio Grande Ilustrado*, J. J. Cezar retomava o pseudônimo de Cantu-mirim e elaborava as "Historietas", poemetos satíricos profundamente críticos à vida política e à sociedade sul-rio-grandense. Tal coluna em versos se iniciara nas páginas do diário rio-grandino *Eco do Sul*, entre 1890 e 1891, tendo por principais alvos as autoridades públicas da época, mormente Júlio de Castilhos e seus sectários⁷. Nas edições disponíveis do periódico aparecem três incidências das "Historietas":

Casamento em troca...dilho

A Pati uniu-se ao Faria, Faria à Pati se uniu. O Faria que faria? A Pati uniu-se ao Faria. Que grande patifaria! Pati Faria se viu. A Pati uniu-se ao Faria. Faria à Pati se uniu. (4 jul. 1897)

Em dieta rigorosa

Está de cama Maricota; e o doutor dita a dieta ao marido, um idiota, um grandíssimo pateta.

- Ovos frescos, muito leite,

⁷

⁷ Acerca das "Historietas", ver: ALVES, Francisco das Neves. Sátiras políticas versejadas no Brasil Meridional: as origens das Historietas (1890). Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.; e ALVES, Francisco das Neves.: Historietas no sul do Brasil: poemetos satíricos (1891). Lisboa; Rio Grande: CLEPUL; Biblioteca Rio-Grandense, 2020.

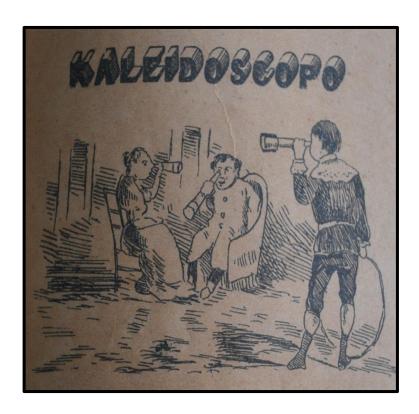
porém, depois de ferver. Ela pergunta, em deleite: - Posso bananas comer? - Bananas? Oh! Como não?! diz o doutor com alegria. Para evitar indigestão, duas, só duas por dia...

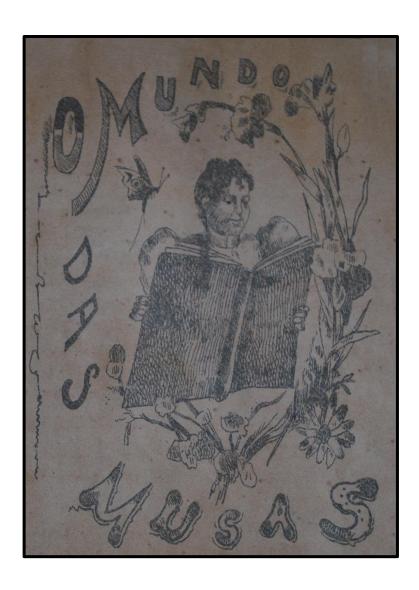
Mateus, primeiro os teus

O ministro Dom Sagasta gasta da casa do Sá. Dizem que nunca se agasta o ministro Dom Sagasta, e de casa do Sá gasta muita caça com *acassá*. O ministro Dom Sagasta gosta da casa do Sá. (29 ago. 1897)

Em relação ao segmento ilustrado o periódico apresentou a nota "O nosso semanário", na qual explicitava um novo esforço editorial. Nessa linha, dizia que, "aos poucos que bem conhecem destas coisas de arte, em um meio como o nosso, por demais acanhado", recomendava "os números do Rio Grande Ilustrado feitos diferente dos processos de maneira conhecidos". Explicava que "todo o trabalho foi feito litograficamente, sendo o texto transportado pelos meios usuais", embora "pouco em uso quanto às caricaturas intercaladas no mesmo texto". Diante disso, demarcava que estratégia constituía "um ensaio, não havendo por isso a nitidez precisa quanto à impressão, que há de ir aos poucos melhorando". A partir de tal projeto, a redação pretendia ir "reformando o semanário, até que ele possa comparar-se com os melhores no gênero". Tal método

foi utilizado para ilustrar seções como "Caleidoscópio" e "O mundo das musas", além de gravura que acompanhava uma tirada chistosa sobre as disputas políticas de então (29 ago. 1897).

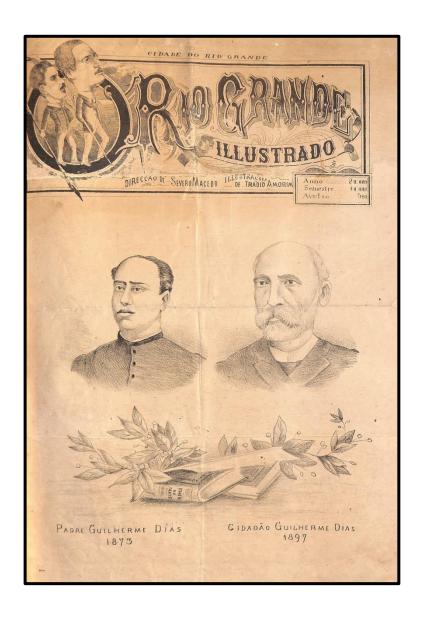


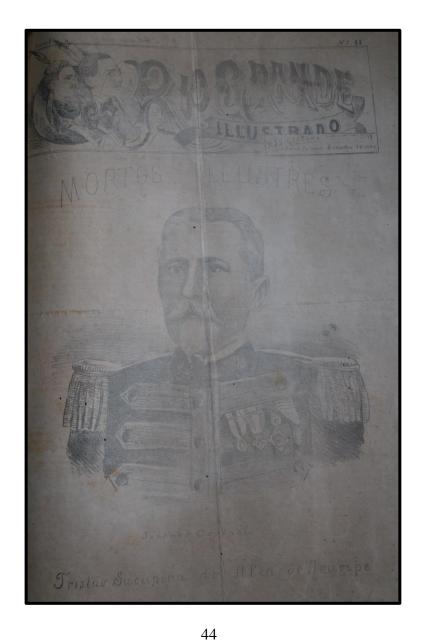


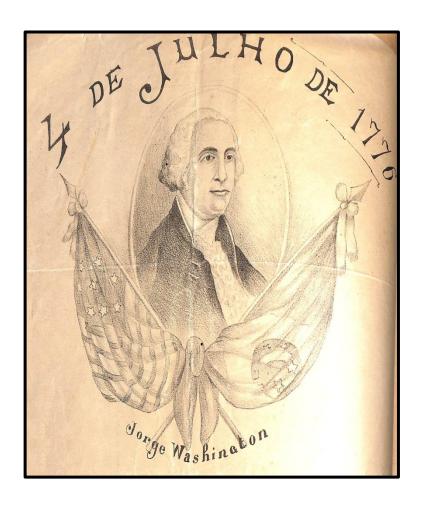


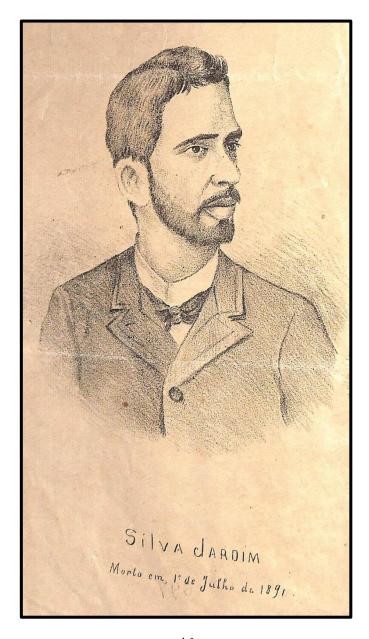
Em suas gravuras de capa, consideradas como "páginas de honra", o hebdomadário rio-grandino tradicionais homenagem de as encomiástico. Foi o caso de um clérigo e um literato homônimos, com destaque por suas respectivas ações sócio-religiosas e literário-culturais (4 jul. 1897) e de um militar que falecera nos enfrentamentos do exército contra movimento messiânico no nordeste brasileiro, o qual teria sido "morto gloriosamente nos sertões da Bahia, em combate contra a hoste de selvagens que tantos males está ainda causando à pátria" (29 ago. 1897). Outras homenagens recaíam sobre personalidades da vida política internacional, nacional e estadual, visando a demarcar o papel liberal e/ou democrático que cada uma delas teria desempenhado, bem no sentido de demarcar que no Rio Grande do Sul a "verdadeira república" fora deturpada pela "tirania" da ditadura castilhista. Nesse sentido, apareceram figuras como George Washington, um dos "pais da pátria

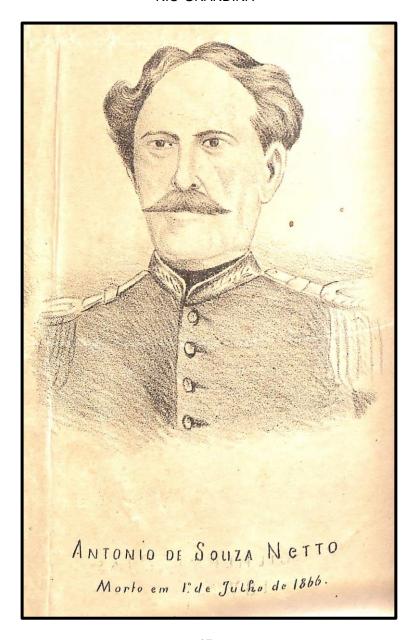
estadunidense", por muitos considerada como o modelo ideal a ser seguido em termos de organização republicana; Silva Jardim, um republicano histórico, que discordou com a tendência autoritária que seguiu a nova forma de governo brasileira; e Antônio de Souza Netto (4 jul. 1897) e Bento Gonçalves da Silva, lideranças da Revolução Farroupilha, da qual os oposicionistas gaúchos se consideravam herdeiros (25 jul. 1897).













No campo caricatural, a publicação ilustrada trazia a sátira na "Galeria típica", na qual travestia um indivíduo como um soberano monárquico, tratando-o jocosamente quanto à sua intenção de jamais "perder a majestade". A crítica de costumes também tinha lugar, ao mostrar "O grande escândalo da semana", conjunto ilustrado que trazia um pretenso conquistador em estilo donjuanesco, que acabava por ver suas pretensões sucumbir diante das bengaladas que lhe foram infligidas (25 jul. 1897). Ainda houve espaço para a crítica política, bem de acordo com a postura oposicionista dos orientadores do periódico, ao denunciar a violência do regime castilhista, referindo-se ao "Crime de Santa Isabel", no qual um "chefe federalista" fora vítima da repressão e da violência governamental, ao ser assassinado "pela polícia do Estado". Manifestou-se igualmente a crítica social, ao apontar a ganância e o enriquecimento dos comerciantes locais, não medindo esforços para conseguirem posição regalada em meio à sociedade rio-grandina (29 ago. 1897).









Assim *O Rio Grande Ilustrado* constituiu uma proposta editorial que dava seguimento à tradição riograndina de manter publicações ilustrado-humorísticas. De acordo com a proposta editorial de tal gênero jornalístico, teve um comportamento predominantemente opinativo, dando ênfase à crítica política, social e de costumes. As convicções de seu diretor João José Cezar e ilustrador, Thadio Alves Amorim, serviram para nortear os posicionamentos político-partidários e ideológicos do periódico, ao

orientar suas construções textuais e imagéticas na condição de oposicionista ao regime vigente no Rio Grande do Sul. Para executar o projeto do *Rio Grande Ilustrado*, Amorim suspendeu temporariamente a publicação do *Bisturi*, um dos mais importantes caricatos gaúchos, passando à realização do novo semanário, no qual seu lápis continuou a conduzir- com "satisfatória bravura"⁸. Tal como faziam desde os primórdios daqueles anos de 1890, Cezar e Amorim mantiveram no *Ilustrado* a flama da resistência ao castilhismo.

⁸ FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 195.

O Diabo

Com seu sugestivo título, O Diabo trazia em seu frontispício a própria figura demoníaca, indicando tratar-se de um "semanário artístico e literário", que circulava no Rio Grande e na vizinha cidade de Pelotas. Constituía "propriedade de uma associação" e seu diretor artístico era um conhecido artista sul-riograndense, Luiz Chapon. O único exemplar remanescente era identificado com o primeiro ano, número 25, datado de 5 de agosto de 1905. No cabeçalho da folha de rosto, havia mais uma vez a personalidade mefistofélica sentado a um sofá, encantando a algumas damas com a sua conversa. Era uma publicação que prestigiava os anúncios. dedicando-lhe significativos, tendo em vista que, já na própria capa e contracapa, nas faces de frente e verso, havia a alocação de material publicitário. As propagandas eram de variados. servicos produtos como seguros, medicamentos, joias, ferragens, hotelaria, armazém, farmácia, lojas de fazendas e confecções, novidades e miudezas, ateliê fotográfico e de pintura, companhias de navegação e fábricas de charutos, velas e água mineral.

Iniciando sua publicação na cidade do Rio Grande, esta edição de agosto de 1905 representava a chegada do periódico também à localidade de Pelotas, tanto que, na primeira caricatura, aparecia mais uma vez a criatura diabólica a saudar duas alegorias femininas, que simbolizavam a "sociedade" e a "imprensa" pelotense, a quem ele dizia: "Ao chegarmos a

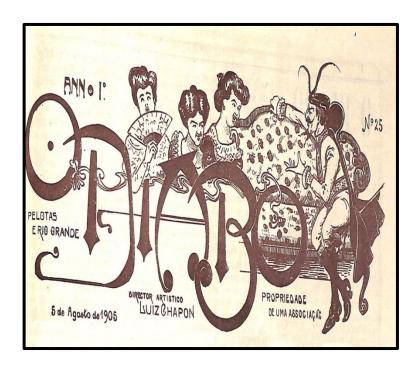
encantadora Princesa do Sul, cumprimentamos jubilosos a gentil sociedade que nos acolhe e aos ilustres colegas". Para o âmbito estadual, sua assinatura era vendida ao custo de 15\$000 (ano) e 8\$000 (semestre); ao passo que, fora do Rio Grande do Sul, o valor passava a 20\$000 (ano) e 10\$000 (semestre); enquanto o número avulso custava 300 réis.

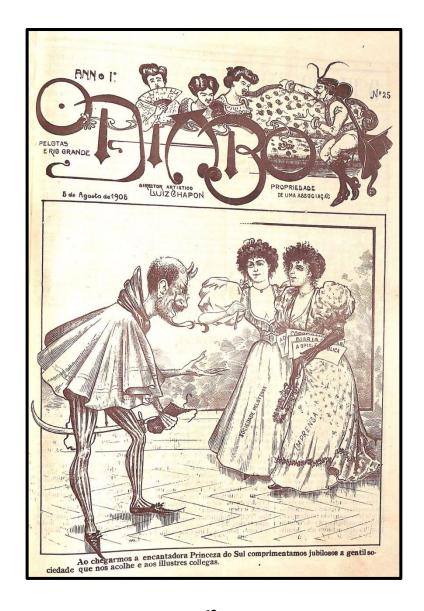












Ao apresentar-se, O Diabo identificava-se como "um religionário da arte, do bom humor e da crítica", especificando tratar-se de uma "crítica leve inofensiva", a qual "leva ao espírito a convicção plena de que no bron-ha-ha da vida, o lápis e a pena, em amoroso consórcio. exercem uma saudável influência". Oferecendo seus serviços frente ao "cavalheirismo do povo pelotense", a folha garantia que não desmentiria "uma só linha do programa com que nos apresentamos há seis meses no seio brioso, digno e cavalheiresco povo rio-grandino". Explicava sua origens, vinculadas aos desenhos de Alfredo Storni, caricaturista gaúcho que viria a granjear fama nacional em sua arte, o qual se deslocara para o centro rio-grandense-do-sul, de modo que as funções foram delegadas a Luiz Chapon, "cujas aptidões artísticas são de sobejo conhecidas em todo o Estado".

A redação da folha ilustrada enfatizava que a sua distribuição se daria nas duas cidades sul-rio-grandenses e reforçava a perspectiva de que manteria "o seu programa de lutas que dignifiquem e honrem quem as travem e quem as observem, como muito bem ordenam todos os códigos do cavalheirismo e da civilidade". Demarcava que seu aparecimento dera-se a 19 de janeiro de 1905, quando estabelecera um editorial "à guisa de programa". Segundo tal conteúdo programático, "educado na escola da mais sã filosofia, visando apenas à graça leve, à crítica inofensiva" e "filho amantíssimo da arte e do bom gosto, o Diabo não admitirá polêmicas pessoais que, de qualquer forma" pudessem marear a sua "reputação de jornal sério e independente, capaz de penetrar nas mais santas alcovas, nos mais virtuosos e castos salões". Garantia, assim, que seria "um Diabo

moderno, fidalgo e delicado, que convictamente cultivará os preciosos ditames da honra e do dever". Dessa maneira, afiançava que aquilo "que aí está escrito mantivemos ontem e continuaremos a manter no seio deste povo generoso, cuja tradição é um novo evangelho de honra, de amor e de trabalho". Esperava que os leitores lhe acolhessem "como um bem intencionado apóstolo da arte" e "como um crente entusiasta do belo", que poderia "marchar na vanguarda de todos os nobres cometimentos".

Na transição para a nova proposta editorial de atender as duas cidades, houve um hiato em meio à circulação do periódico, de modo que ele traduzia aquilo que considerava como a falta de sua presença sentida em meio à população. Nessa linha, destacava que se criara "uma saudade carinhosa pelo Diabo que, faz já alguns doze dias não visita os seus numerosos amigos e admiradores". Imaginava comentários, alguns demarcando que haveria "aqui uma senhorita graciosa que pergunta pelo Diabo, ali um burguês, que pergunta pelo diabo verde, mais adiante uma moça suspirando", ao pedir "notícias do Diabo-Mor", constituindo, "enfim, um desfiar de saudades que parecem eternas". Perante tais propaladas circunstâncias, a conclusão era de que "o povo julga a presença do interessante Diabo e seu ígneo diretor tão necessários, como necessário é o pão para a boca e a língua para as sogras".

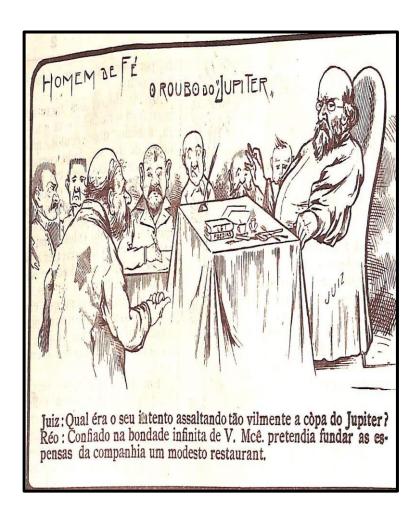
O hebdomadário caricato anunciava um corpo de colaboradores que incluía alguns dos principais representantes da intelectualidade rio-grandense de então. De acordo com tal perspectiva, dizia que "honram o *Diabo* com suas colaborações os seguintes colegas": Revocata Heloísa de Melo, Julieta de Melo Monteiro,

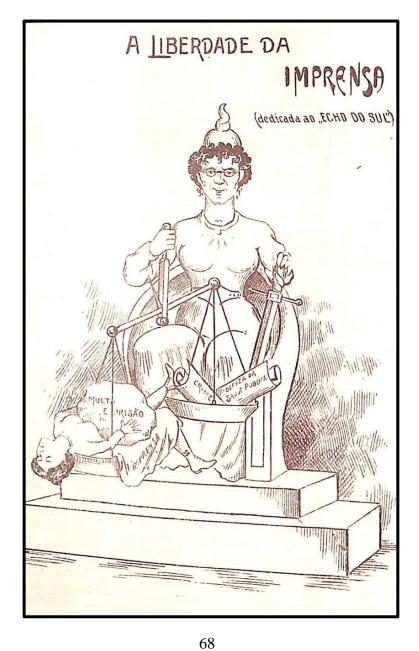
Mário de Artagão, Zé da Hora, Frediano Trebbi, Guedes Coutinho, Alcides Miller, Boaventura Lopes, Lucien Duranton, Autran Dourado, Paulo de Vergis, Francisco Maciel Júnior, Otacílio Pereira, Vicente Tavares e Otávio Pitrez. Já na "parte artística", os desenhistas seriam Frederico Trebbi, Alfredo Storni e Eduardo Chapon.

O conteúdo textual era composto de colaborações em prosa e verso, além de trazer temáticas variadas em suas crônicas. Um dos assuntos tratados, bem de acordo moralizador das caráter folhas humorísticas, no sentido de denunciar as mazelas sociais, esteve ligado à morte de uma "infeliz criança", vitimada por um bonde, vindo a cobrar providências de parte da empresa que controlava tal meio de transporte, bem como das autoridades competentes, colocando-se como um guardião "da tranquilidade e da vida do público". A política internacional também fazia parte da pauta do semanário ao tratar da Guerra Russo-Nipônica, apelando para a "paz", considerada como uma "palavra que soa em todo o mundo civilizado, pedindo a terminação da horrenda tragédia do Extremo Oriente". Havia espaço igualmente para as "notas da semana" e os textos encomiásticos em homenagem a personalidades locais.

No segmento ilustrado, havia o predomínio da crítica social e de costumes. Em uma das cenas, um "homem de fé" tinha de submeter-se aos desígnios de um juiz, diante da acusação de roubo que lhe caía sobre os ombros. Enquanto a autoridade perguntava ao julgado qual teria sido "o seu intento assaltando tão vilmente a copa do Júpiter", o réu respondia que, "confiado na bondade infinita de V. Mercê, pretendia fundar às expensas da companhia um modesto

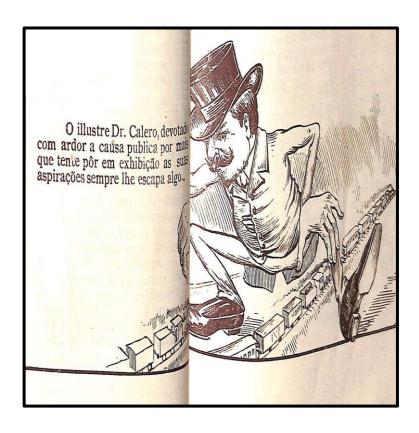
restaurante". As limitações à liberdade de expressão foi outro tema de denúncia do periódico ao mostrar a alegoria da justiça, portando os seus instrumentos tradicionais, ou seja, a espada e a balança, só que a mesma enxergava e utilizava óculos, ao invés da tradicional imagem vendada, sinal de como imparcialidade. O desenho era dedicado ao Eco do Sul, jornal rio-grandino que se colocava na oposição e na resistência à ditadura castilhista-borgista e, por tal motivo, sofreu ferrenhas perseguições, o que era demonstrado por meio de outra figura alegórica feminina, simbolizando a imprensa, que se encontrava desfalecida, submetida ao peso de uma desproporcional pedra, que designava multas e prisões, alguns dos métodos de cerceamento ao jornalismo.

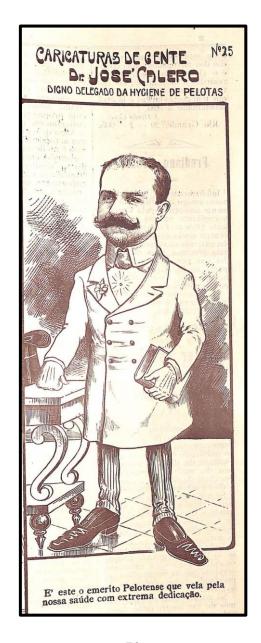


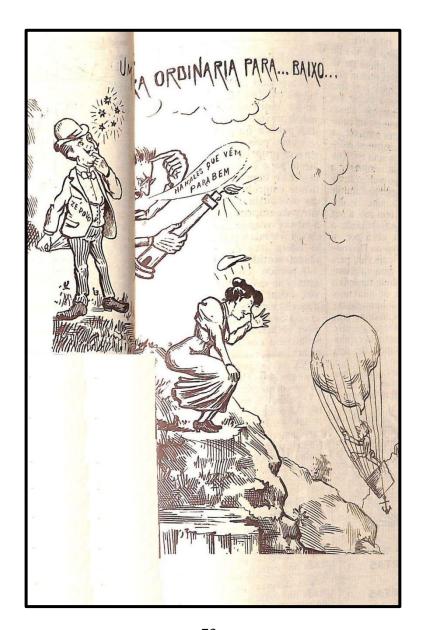


Também no que tange às ilustrações, a folha humorística trazia uma rotineira representação da corrupção, simbolizada pela figura do rato, roedor tradicionalmente utilizado pela caricatura para designar a ladroagem. Fazendo uma analogia entre o animal propriamente dito e a sua simbologia, o periódico afirmava que "os ratos antigos roíam a manteiga", ao passo que "os modernos roem os direitos da alfândega", ou seja, aproveitavam-se das verbas públicas. O jogo entre interesses públicos e privados ficava demonstrado por meio de caricatura em que um indivíduo atrapalhava na orientação de linhas férreas. homenagens especiais de caráter encomiástico também apareceram nas páginas de O Diabo, com o retrato de um delegado de higiene, apontado como "emérito pelotense que vela pela nossa saúde com extrema dedicação". Em outro desenho, o Zé Povo, representação da população brasileira, observava indivíduo que carregava farol, em alusão à sinalização voltada à navegação citadina, que via seus interesses despencarem precipício abaixo. O mesmo personagem voltava a compor um conjunto caricatural denominado "Coisas do Diabo", no qual ele levava "seu farol" para conserto, sendo diagnosticado que ele cometera grave erro na administração do instrumento, com a insinuação de que tal engano fora praticado por motivo de bebedeira, vindo ele a ser punido fisicamente por seu interlocutor.

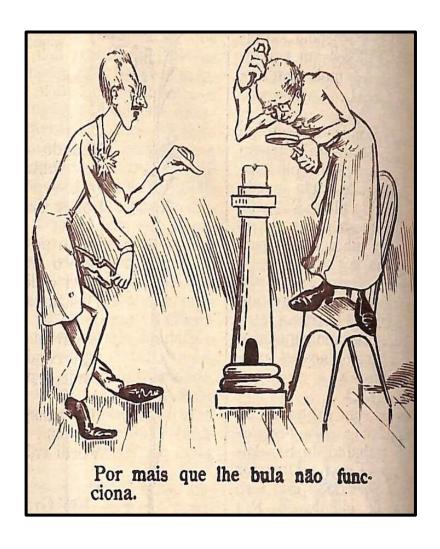




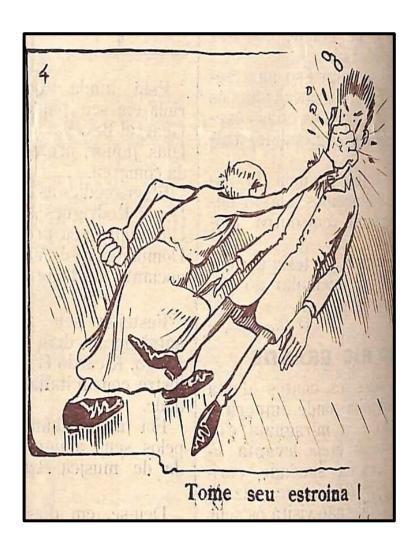


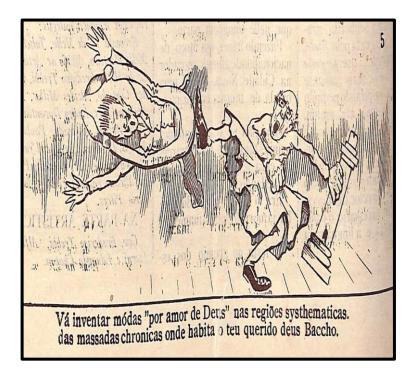












Buscando atingir um público em meio às duas maiores cidades da zona sul gaúcha, Rio Grande e Pelotas, O Diabo apresentava uma configuração editorial diferenciada em relação aos tradicionais periódicos ilustrado-humorísticos do século recentemente encerrado, aproximando-se das novas revistas que afloravam desde o início dos Novecentos. Houve em suas páginas a mescla entre a impressão tipográfica e a litográfica, como revelavam as legendas das ilustrações, além da utilização da cor em sua capa e contracapa, que constituía um acréscimo de atrativos em suas edições, bem como a inclusão de material publicitário em razoável abundância. Por meio das críticas social, de

costumes e política, a folha satírica empreendeu suas diabruras no seio das sociedades rio-grandina e pelotense.

A Encrenca

Com um título inspirado em uma situação difícil/complicada, remetendo a dificuldades embaraços, bem como a um estado de desordem ou confusão e, finalmente a uma pessoa que complica tudo, uma verdadeira encrenqueira, A Encrenca foi editada na cidade do Rio Grande desde o final do ano de 1914. De tal periódico, restam remanescentes o número 1, ano 1, de 15 de novembro de 1914 e o número 2, ano 1, de 1º de dezembro de 1914. Adotava o formato de revista, com capa e contracapa e suas assinaturas custavam no Rio Grande do Sul, 8\$000 (ano), 5\$000 (semestre) e 2\$500 (trimestre); e, para fora do Estado, 10\$000 (ano); ao passo que o exemplar avulso tinha o valor de 500 réis e o número atrasado, 800 réis. Tratava-se de uma "firma" cuja propriedade era de Azevedo e Lima e os redatores eram D. Fuão e L. Neves. Era uma publicação quinzenal, impressa na empresa rio-grandina Oficina Tipográfica Mignon.

Em sua primeira "Crônica", representando o papel de um editorial, o periódico explicava tratar-se da continuidade de uma publicação anterior, que mudara de formato. Nesse sentido, afirmava que viria a ser uma "jovial temeridade", ao reaparecer "num formato de revista", naquele "momento em que a timidez e a perplexidade atravessam a sociedade rio-grandense, deveras empolgada pelo pânico contagioso da crise". Diante disso, "quanto a esse outro obstáculo tão freneticamente decantado pelo pessimismo" do "meio, A

Encrenca" respondia que, "ou o transpõe sem que seu programa sofra solução de continuidade", ou viria a desaparecer "no ocaso em chamas de sua efêmera existência, seriamente encrencada". Referindo-se aos leitores, dizia que confiava "ao público rio-grandense, ao belo sexo, o saudável otimismo desses jovens bizarros", referindo-se aos proprietários do empreendimento. Quanto ao seu escopo, prometia "ser uma menina elegante e culta, de fino humorismo, despida das joias falsas da banalidade". Finalmente, quanto aos colaboradores, pedia "a essa plêiade brilhante e moça da literatura rio-grandense, que adorne o seu colo com as pérolas luzentes de seus talentos", além de saudar "aos colegas" da imprensa (15 nov. 1914).

Em seu retorno, a revista recebeu homenagem de uma de suas colaboradoras/leitoras, a qual dedicou uma "Saudação à *Encrenca*", no formato de um soneto (1º dez. 1914):

Entre aplausos e flores, reaparece a *Encrenca* em revista transformada primorosa gentil, ela floresce, da primavera, na quadra festejada.

Visa seguir iluminada estrada colhendo louros que a virtude tece, não ser de falsas joias adornada eis o belo programa que oferece.

Quer o colo gentil, ornar ditosa, das mais raras pérolas mimosas, que a mente sonhadora fantasia...

Oxalá, colha rosas perfumadas,

Dentre as nobres colegas ilustradas, tenha a jovem *Encrenca* a primazia.

A revista rio-grandina destinava amplo espaço de suas edições para a alocação de propagandas, fator essencial para a sustentação da empresa. Dentre o material publicitário, havia anúncios de uma associação mútua de pecúlios, voltada às lides previdenciárias, servindo o próprio escritório de *A Encrenca* para prestar informações sobre tal empreendimento. Outros estabelecimentos propagandeados eram um armazém, uma casa para troca e venda de selos, dois cinemas, uma mútua predial, uma ourivesaria e joalheira, uma loja de confecções, uma oficina de relojoaria e uma fábrica e depósito de móveis.



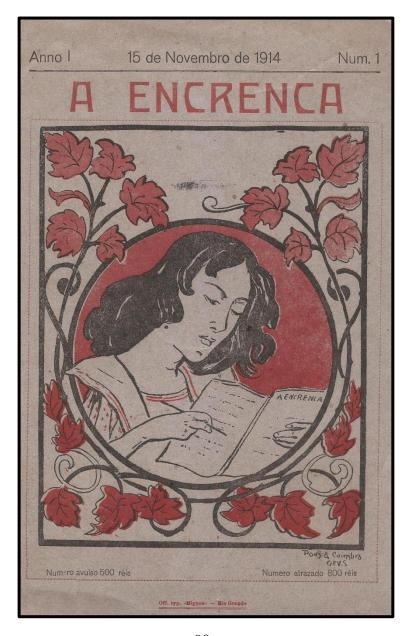


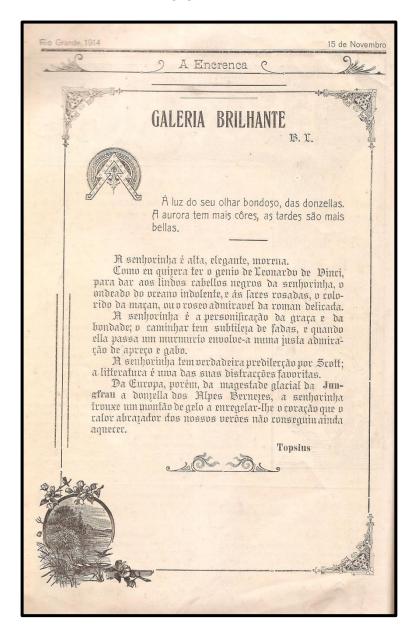






editoração da revista buscava significativo esmero na configuração gráfica. A capa e a contracapa eram em tom acinzentado, com o desenho envolvendo duas cores, o vermelho e o preto, apresentando uma figura feminina que lia a própria Encrenca, fazendo anotações, em gravura emoldurada com princípios florais. Tal desenho trazia o significado de um dos segmentos de público ao qual a publicação pretendia dedicar-se. As matérias de natureza literária apresentavam molduras que revelavam certo primor gráfico, como o caso das crônicas, que chegavam a ser impressas com um tipo diferenciado de letra, caso da "Galeria brilhante", presente nas duas edições. O mesmo tratamento era dado aos textos encomiásticos, como os em prosa e verso referentes à data comemorativa da instauração republicana. Também os poemas recebiam atenção gráfica especial, como o soneto "Nero II", adornado com colunas no estilo clássico e com a presença da lira da inspiração poética, ocorrendo o mesmo com outra poesia, de título "Soneto", que apresentava, ainda que mais simples, também uma moldura, o que ocorreu também com um breve texto intitulado "Ausência", acompanhado por clichê.









A dynastia bragantina, com a gargalheira do opprobrio, suffocou, porlargos annos, as mais nobres aspirações da nossa cara Patria A's gentes da coroa não convinha que o

A's gentes da coroa não convinha que o regime então em vigor fôsse substituido; pois da implantação de um novo regime resultaria o occaso da realeza aviltante.

Toda as classes teriam as suas liberdades, os seus direitos, « suas garantias, em consequen cia da substituição do nefasto « poder pessoal» por um Codigo sagrado que consubstanciasse aquellas aspirações.

A Constituição jurada nada mais era senão um joguete nas mãos do imperante e dos seus com parsas na ridicula comedia governamental.

A predominancia do «poder moderador»

A predominancia do «poder moderador» importava golpe certeiro sempre que as bastardas conveniencias do aulicismo vislumbravam na acção dos arrojados sonhadores da patria livre um estórvo a remover

Leis, tribunaes, senalidades só existiam para os crimes de elesa magestade, na defeza da muralha inexpugavel que contornava o throno que se pretendia eternisar no solo fertilizado pelo sangue estuante de Tiradentes, Frei Caneca, Theotonio, Domingos, Martins e jancos outros, immolados á sanha incontida dos assassinos imperiaes!

Substituindo o regime do captiveiro, a liberdade robusteceria a patria geração, que se empenharia para logo na ardua mas grata conquista da ordem e do progresso, que então re presentava apenas um ideal formoso e nobre

Mas como substituir a vontade de um se nhor absoluto relo inquebran avel imperio do Direito e da Justiça, atravez das aureas paginas de uma Constituição promulgada pelo voto dos genuinos representantes da nação?

dos genuinos representantes da nação?

D Pedro "era, como imperador partidario freductivel de Guilherme IV, da Prussia, qual, instado pelo povo para dar lhe uma Cons

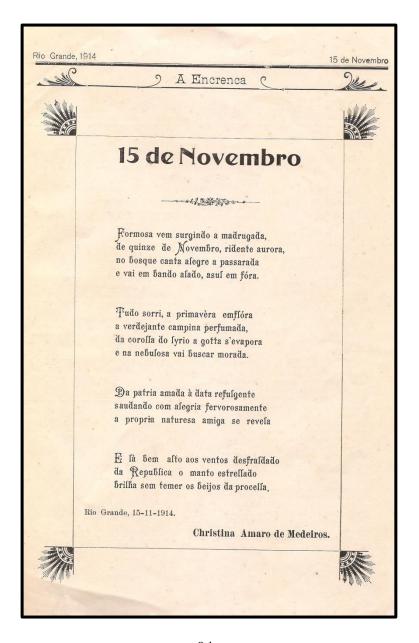
"Jamais consentirei que um "pedaço de papel" pretenda governar-me"!

Os propagandistas fogosos, scientes dessa extravagante theoria, todavia, não arrefeceram o enthusiasmo que thes fazia vibrar os corações: lançaram-se á lucta desigual, affrontaram a eguarda negra- assassima, confiantes na abnega cão dos seus dignos co religionarios que, em cada então provincia, fizeram tremular o pavilhão rubro da revolta, nos comicios, na imprensa, conquistando adeptos á causa nobilitante da salvação da Patria.

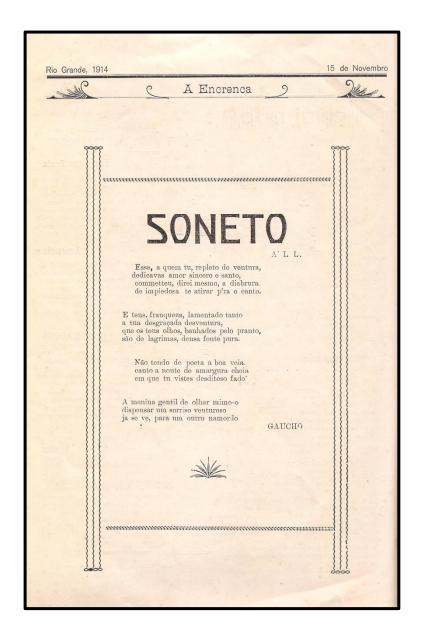
O Rio Grande do Sul, diga se de passagem, influenciado pelo verbo inflar ado de uns e pela doutirnação convincente de outros cabando es immarcessiveis louros dessa exhaustiva jornada so Evangelisador Incompa avel que foi Grande, Saudoso e Immortal Dr. Julio de Castlhos, que tato bem consubstanciou a brilhante legiao des propagandistas; O Rio Grande do Sul, diziamos, formou na vanguarda do movimento regenerador, que teve a suas apotheose deslumbrante a 15 de Novembro de 1889 com a proclamação, no extremecido solo patrio, do regime compativel com as aspirações de um povo altaneiro, que tantas mostras ja havia dado de que o cerceamento da liberdade era uma affronta perenne aos seus brios, um grosseiro entrave ao seu progresso, á sua ascendencia na escala hierarchica em que figuravam outros povos!

Hoje, pois, que se commemora a fantetosa data antiversaria da proclamação do regime da Ordem e do Progresso em nossa cara Patria, evoquemos, em respeitosa attitude, a memoria veneranda de Benjamin, Deodoro e Floriano respectivamente Evangelisador, Proclamador e Consolidador da Republica, fazendo sineeros vocos para que a sua obra se eternise nesta bella porção do Continente!

Novembro 15, 914. AZEVEDO FILHO

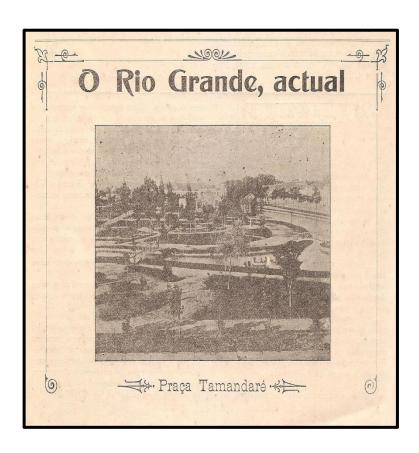


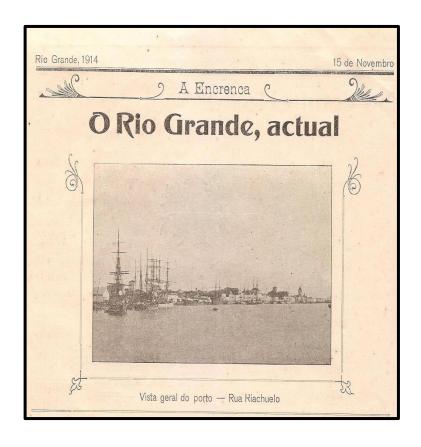


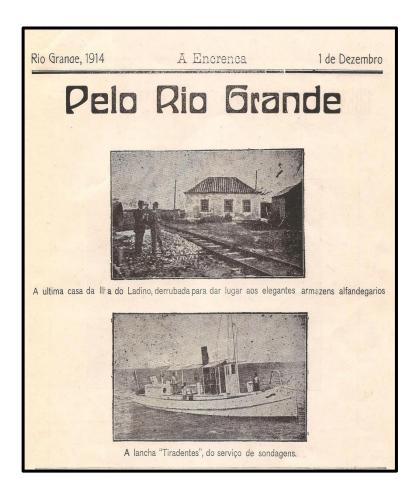


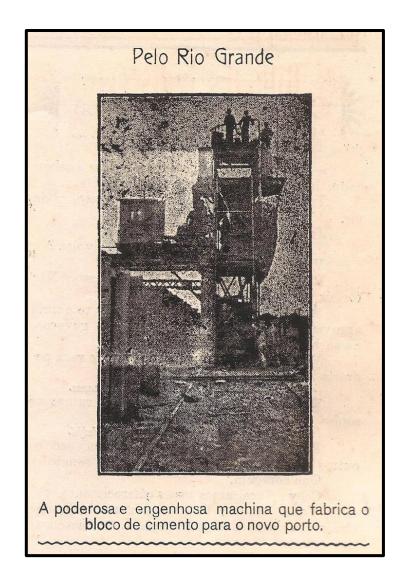


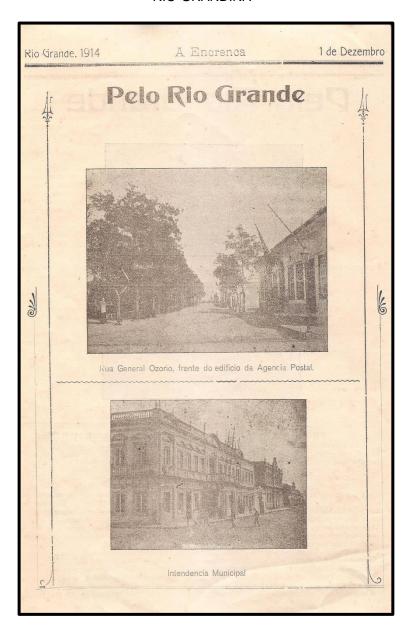
Apesar das limitações técnicas impostos à arte tipográfica naqueles primórdios do século XX, A Encrenca optou por incluir fotografias em suas páginas, uma inovação visual que se transformava em grande atrativo nas revistas de então. A preferência foi pela reprodução de ambientes citadinos, inclusos na seção "Rio Grande Atual". Um desses registros trouxe um importante logradouro público do munícipio, a "Praça Tamandaré", a maior do seu gênero na urbe. O estabelecimento portuário original da cidade, que viria a ficar conhecido como Porto Velho, também foi retratado, com a legenda "Vista geral do porto - Rua Riachuelo" (15 nov. 1914). Já na segunda edição, a seção com cenas rio-grandinas passou a denominar-se "Pelo Rio Grande", algumas das novidades em trazendo torno construção do Novo Porto citadino, que viria a ser inaugurado no ano seguinte, aparecendo uma casa que fora "derrubada para dar lugar aos elegantes armazéns alfandegários" e também "a lancha Tiradentes, do serviço de sondagens" e "a poderosa e engenhosa máquina que fabrica o bloco de cimento" para o novo estabelecimento portuário. As ruas, edifícios e estátuas da cidade continuaram sendo atrações, caso da General Osório, mostrando a frente do edifício da Agência Postal, o prédio da Intendência Municipal e o monumentotúmulo em homenagem a Bento Gonçalves da Silva, apresentado como "o herói de 35" (1º dez. 1914).

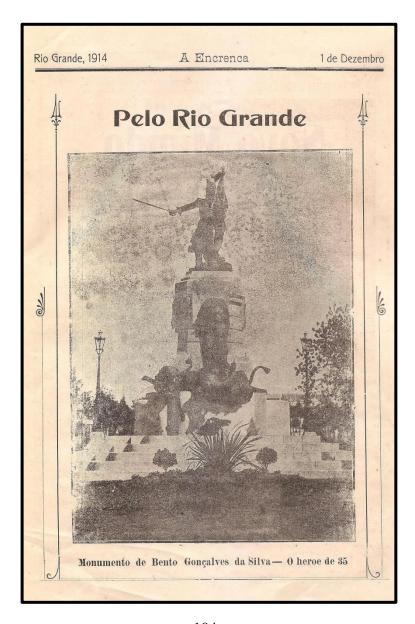




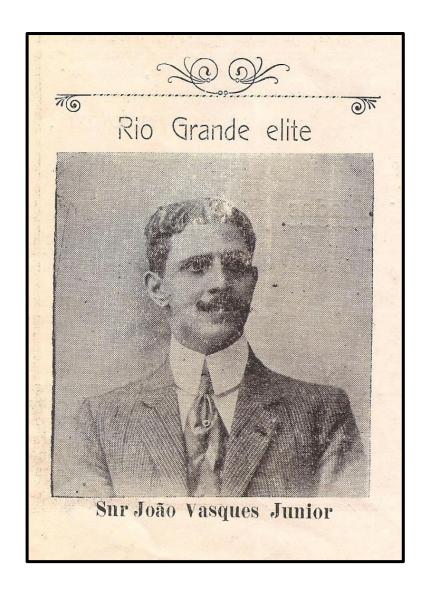






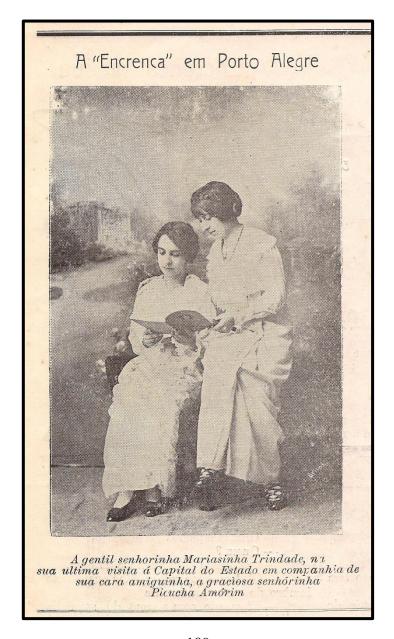


Houve também, na segunda edição, segmento voltado à coluna social, destacando o high-life no âmbito rio-grandino, pelotense e porto-alegrense, com a fotografia de indivíduo identificado pelo nome e como representante do que seria o "Rio Grande elite". Mostrou também uma "formosa mlle" e uma "graciosa mlle", que representavam um clube carnavalesco, a primeira "coroada rainha dos gloriosos brilhantinos" e a outra que deixara "o trono do Clube Brilhante para ocupar dentro do coração de cada brilhantino um trono que será eterno", ou seja, "o trono da admiração". A chegada da revista à capital sul-rio-grandense também foi registrada por meio de fotografia, na qual uma "gentil senhorinha", em visita a Porto Alegre, compartilhava a leitura da Encrenca, com "sua cara amiguinha" e "graciosa senhorinha".





Rio Grande, 1914 A Encrenca Pelo Carnaval -- A Encrenca em Pelotas A graciosa mlle. Ericina O. Baptista, que deixou o throno do Club C. Brilhante para occupar dentro do coração de cada brilhautino um throno que será eterno — O throno da admiração



Quanto ao desenho litografado e caricatural A Encrenca utilizou-se de maneiras diferentes. Uma delas foi na abertura da revista, em que o cabecalho mostrava um indivíduo que carregava faixa com o título do periódico e levava ao ombro um crayon/pena, em alusão à confecção da caricatura e à escrita jornalística, exibindo a folha impressa para uma admirada população. Tal ilustração acompanhou a "Crônica", seção editorial da publicação em seus dois números remanescentes. Uma outra secão era denominada "Grêmio da Tesoura", que trazia as atas das reuniões de uma suposta entidade voltada à temática do modismo, a qual era acompanhada por uma gravura, com um "projeto de moda", na primeira edição, e a figura de uma dama, na segunda, seguida da constatação de que "a mulher sempre foi a vítima dos implacáveis tesouras". Em relação à circulação do próprio magazine, a folha impressa rio-grandina trazia "A Encrenca na rua", a qual era simbolizada por uma mulher que caminhava, sendo observada por um ancião, com a constatação de que ela "continua de vento em popa", em relação a um propalado sucesso da mesma. No que tange à caricatura humorística propriamente dita, uma piada apresentava diálogo duas entre mulheres. questionando o motivo do fim do namoro da outra, obtendo por resposta que a culpa fora das suas "boas amigas". Utilizando-se de uma estratégia bastante usual em meio à imprensa caricata, a revista mostrava indivíduo em uma janela, com a ameaça de que, no próximo número, seria revelado o que aquele "indiscreto viu", visando a criar um atrativo para a edição seguinte, o qual não se confirmou. Os efeitos adversos do progresso na cidade portuária também estiveram na

pauta da representação caricatural, ao mostrar a ação de punguistas e ladrões que roubavam um homem e uma mulher, explicando ironicamente que, "com a crise... o Rio Grande civiliza-se".





Cantos, revistas, confettis, ser mas da guerra pentinas e flores. Para consola

Republica toda acalentada pelos principios de uma austéra e sadia

noralidade ..

A policia exhausta pelos exercicios da grande parada descuidou um poucachinho mais a sua vigilancia, por nos tão apreciada

Anno 1

Por isso os assaltos ao alheio. por uma extranha crise. de exhi^{*} santo, o dessa gente, que vae le lo silencio da noute alta ou a ple-bicoes ruidosas nuitosas das victi- na luz de um sol glorioso e forte.

Para consolar os infelises, que O roubo è um sport, desenvol-Devia sermesmo assim, inflam- se estorcem nas convulsões da ve se em todas camadas sociaes, mada. a consagração de 15 de dor, do desespero, é necessario uns o fazem por sportivo, outros Novembro, anniversario de uma que a mu ica, a festividade, a por uma vontade morbida e doen pompa alegre acompanhe os sentia, ainda por chic, por necessitimentos de piedade, até á enxer dade...

ga do desgraçado, até á mesa do E a policia exhausta... adorme

nendigo.

GREMIO DA THESOURA

1000

Acta n. 3

Sessão ordinaria de Directoria realizada em 9 de Novembro de 1914, sob a presidencía do Sr. Luiz Hormain.

Aos 9 dias do mez de Novembro, nesta cidade do Rio Grande, presentes os Membros da Directoria conforme consta de respectivo livro de presença, foi, pelo Sr. Presidente, declarada aberta a presente sessão.

Interesses Geraes — Afim de ser conhecido a programma das festas promovídas por um grupo de senhores desta cidade, no Novo Porto, foi nomeada uma commissão composta



Projecto de moda











Como representante da imprensa ilustrada e humorística, A Encrenca, sem deixar de lado o teor chistoso, pautou sua proposta editorial em termos mais moderados, bem como se dedicou a um jornalismo crítico-opinativo não quanto suas tão veemente congêneres. Em termos gráficos e editoriais, buscou seguir o modelo das grandes revistas ilustradas do centro do país, como O Malho e Careta, mesclando a arte litográfica e caricatural com a inclusão da fotografia em suas páginas, voltadas essencialmente ao cenário urbano citadino, apresentando também similitudes com as mesmas na cobertura da vida da alta sociedade e das atividades cotidianas e festivas como o carnaval. Mais comportada do que encrenqueira, a revista rio-grandina refletia a chegada ao extremo-sul de uma nova modalidade de configuração dos magazines naqueles primórdios do século XX.



A Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta e a Biblioteca Rio-Grandense reuniram esforços para editar a Coleção Rio-Grandense. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A Coleção Rio-Grandense tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.





